

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Corrio Braziliense Class.: Kampa 28
Data 28/07/93 Pg.: 11

Governo do Acre tenta bloquear o avanço da cólera entre os índios

Apesar da falta de equipamentos, helicópteros e das dificuldades de acesso às populações ribeirinhas do rio Amônia, na fronteira com o Peru, a Secretaria de Saúde do Acre tenta bloquear o vibrião da cólera, antes que ele alcance as águas do rio Juruá. Desde o dia 21, a doença já matou cinco índios campá e outros 30 estão em estado grave na região entre os rios Breu e Amônia e, no momento, a Secretaria de Saúde está em alerta porque vários índios contaminados saíram para áreas desconhecidas.

Análises feitas no início desta semana em amostras do rio Amônia indicavam que as populações ribeirinhas deveriam ser alertadas para os riscos da doença. Segundo o diretor-geral da Secretaria de Saúde daquele estado, Miguel Ortiz, cerca de 30 médicos e paramédicos estão na área, tratando os doentes, fazendo análises laboratoriais e orientando as populações para os cuidados com a água e com a ingestão de peixes.

Miguel Ortiz explicou que o foco da doença teve início durante uma visita de um índio campá a suas filhas que moram em área peruana, numa antiga guarnição militar abandonada, perto do rio Putaia. A doença se alastrou rapidamente e duas índias, Amélia e Élide, morreram no dia 21. Dois outros índios adultos morreram a caminho de Taumaturgo e foram enterrados às margens do Amônia, mas seus dejetos foram jogados no rio. Outra criança com a mesma sintomatologia da cólera morreu entre os campá.

Para Miguel Ortiz, os esforços do Governo brasileiro no sentido de controlar este foco da doença na fronteira com o Peru podem ser vãos se no país vizinho as mesmas medidas não forem adotadas. É que a tribo Campá é nômade e tem um estreito relacionamento com os seus parentes que vivem do lado peruano. "Oferecemos ajuda e podemos até enviar nossas equipes à guarnição militar abandonada para

avaliarmos a situação e tratar as pessoas doentes, mas não obtivemos resposta", disse Ortiz.

Pára-quadistas — Num primeiro momento, a Secretaria precisou enviar emergencialmente a medicação básica para o tratamento dos índios campá e se valeu da solidariedade de pára-quadistas da Nauas Paraclubes que saltaram de um monomotor alugado pelo governador Romildo Magalhães e evitaram novas mortes. Os pára-quadistas Ernani e Odilon, agora sediados no município de Taumaturgo, auxiliam os médicos, enfermeiros e bioquímicos que atuam no controle da cólera, orientando a população para os cuidados necessários de higiene e com os alimentos. Eles levaram para a área, além dos sais reidratantes e da tetraciclina — que é o medicamento básico contra a cólera —, o hipoclorito de sódio para o tratamento da água.

As equipes de saúde na aldeia dos campá se revezam a cada dois dias.